

"É nós por nós mesmos": juventude e pandemia na região de fronteira

Gilberto Geribola Moreno

Professor Adjunto/Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba

geribolamoreno@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0810-8393>

Este trabalho aborda as percepções e vivências juvenis sob os efeitos das políticas de combate à propagação da pandemia de Covid – 19 tomando como foco de abordagem as dinâmicas sociais desenvolvidas na região da tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai. A pesquisa se insere no esforço de compreensão das juventudes que habitam as pequenas e médias cidades e, especialmente, aquelas que habitam as regiões de fronteiras, campo empírico de análise praticamente ausente nos estudos sobre juventudes¹.

Tomo como referência 15 jovens com idade entre 20 e 29 anos residentes nas cidades de Foz do Iguaçu (BR) e Ciudad del Este (PY) que juntas a Puerto Iguassu (AR) compõem a tríplice fronteira. Optou-se pelas duas primeiras cidades por conta de pesquisas em andamento sobre os fluxos culturais juvenis e relações de trabalho tendo como campo empírico a fronteira entre Brasil e Paraguai. Excetuando-se alguns registros presenciais colhidos nos primeiros dias em que notícias sobre a pandemia começaram a circular na região, a maior parte dos depoimentos foram obtidos por meio de entrevistas ou encontros online sob a vigência de medidas restritivas de circulação que visavam conter a expansão da pandemia de Covid-19. Mesmo quando as medidas de segurança sanitária foram amenizadas, permitindo-se uma maior circulação entre as cidades fronteiriças, optou-se por manter as orientações de distanciamento social e segurança sanitária.

O artigo apresenta, inicialmente, uma breve descrição da região fronteiriça com o intuito de localizar o leitor no campo empírico da pesquisa. Em seguida aborda as

1 Segundo Sposito (2009) é quase inexistente estudos que abordem as juventudes nas pequenas e médias cidades, havendo uma grande concentração de trabalhos nos centros urbanos.

percepções dos jovens sobre os desafios enfrentados no período pandêmico e, em um terceiro momento, os suportes acionados para suplantar o conjunto de desafios que colocaram em prova suas existências juvenis. Os depoimentos apresentados ao longo do artigo apontam para certa exacerbação das precárias condições de vida e trabalho que afligem os segmentos menos favorecidos das juventudes que residem nesta região de fronteira e sinalizam que esses jovens encontram suporte para suas dificuldades nas relações familiares, religiosas e entre os pares.

A Tríplice Fronteira: Brasil, Paraguai e Argentina.

A região da tríplice fronteira pode ser compreendida partindo-se do pressuposto de que este território se define por um conjunto de elementos e não apenas por meio dos traçados políticos administrativos que distinguem os territórios nacionais. Desse modo, ao abordar as dinâmicas sociais perpetradas pelas juventudes locais, compreende-se este território como uma “região de fronteira” (Pozzo 2014), caracterizada por diferentes centralidades, dentre as quais destacam-se as cidades de Foz do Iguaçu, Puerto Iguassu e Ciudad del Este. A noção de região de fronteira permite abordar esse território para além dos marcadores oficiais políticos e administrativos dos Estados-Nação, entendendo-a como um espaço constituído por um processo de conurbação urbana da qual participam as três principais cidades, mas, também, outras cidades circunvizinhas. A região de fronteira constitui-se como um vasto território com intenso deslocamento dos habitantes locais, turistas e imigrantes, no qual se desenvolve o compartilhamento da experiência social e da cultura dos diferentes grupos que transitam pela região (Silva 2013).

Esta região ocupa o segundo lugar como destino turístico internacional para o Brasil, devido à presença das Cataratas do Iguaçu, que recebeu da UNESCO o título de patrimônio natural da humanidade. A região é conhecida, também, pela extensa rede de comércio de produtos eletroeletrônicos e uma gama de outras mercadorias vendidas em Ciudad del Este. Além do comércio tradicional, a região é caracterizada como espaço de acentuado fluxo de contrabando, tráfico de armas, drogas e pessoas.

Grandes comunidades de imigrantes, especialmente chineses e árabes, vivem nessa região de fronteira. Depois dos atentados às torres gêmeas em 2001, organismos nacionais e internacionais voltaram a atenção para essa localidade investigando a existência de células de grupos terroristas sediados nas cidades fronteiriças e, conseqüentemente, propagando certo estigma sobre os imigrantes árabes que residem na região.

Originalmente este território era ocupado, majoritariamente, pelo povo Guarani, que hoje encontra-se reduzido a pequenas áreas reconhecidas como terras indígenas

e outras ainda em disputa pelo reconhecimento e homologação. Em geral, essas terras indígenas e os povos que nelas habitam sofrem um conjunto de carências e discriminações independente do Estados-Nação – Brasil, Argentina, Paraguai – ao qual estão submetidos. Cabe observar que a área compreendida como tríplice fronteira era habitada além dos Guarani, por um conjunto de outros povos, sendo completamente estranha para eles, ainda hoje, a divisão deste território entre os países que compõem a região fronteira.

Parte das terras indígenas da região teve seu processo de demarcação no período de construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, considerada a maior usina do mundo em produção de energia. Concebida no período da ditadura militar brasileira (1964-1985) em associação com a ditadura do general Stroessner no Paraguai (1954-1989), o processo de construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu foi pródigo em desrespeitos aos direitos humanos fundamentais da população atingida pela obra. De todo modo, a construção da usina fomentou um incremento da população local quando, em 1975, iniciaram-se as obras. Ao final de sua construção, já nos anos 1980, uma grande parcela da população ocupada na construção viu-se desempregada. Nesse período desenvolveu-se o “turismo de compras” que é como, por meio de um eufemismo, trata-se localmente o contrabando de mercadorias compradas em Ciudad del Este, no Paraguai. Atividade presente em grande escala, esse “turismo de compras” se desenvolve por meio de ações que envolve compradores individuais, conhecidos como sacoleiros. Porém, esta atividade movimenta somas vultosas tendo em vista o número de pessoas que se dedicam a ela como modo de sustento e trabalho e toda uma rede de trabalhadores que a ela dão suporte e funcionalidade.

A construção de Itaipu e o “turismo de compras” são dois momentos do desenvolvimento econômico da região da tríplice fronteira, que conhece, ainda, um terceiro, baseado no desenvolvimento do turismo voltado às visitas às Cataratas do Iguaçu, à Usina de Itaipu e um conjunto de diferentes atrações. Mais recentemente uma parcela da elite local vislumbra a possibilidade de a região tornar-se um polo universitário composto por universidades privadas e públicas. Nessa perspectiva aponta-se o contingente de brasileiros que estudam medicina nas universidades paraguaias estimado, segundo Webber (2022), entre 15.000 e 20.000 estudantes. Neste ambiente implantou-se a Universidade Federal da Integração Latino Americana – UNILA com campus a ser construído originalmente em terreno cedido pela Usina Hidrelétrica de Itaipu.

No período pandêmico, a região da tríplice fronteira esteve submetida a diferentes ações no enfrentamento da propagação de Covid 19, de acordo com a política sanitária de cada um dos Estados Nacionais que compõem esse território. De modo geral, a região experimentou a suspensão das atividades turísticas e, por conseguinte, do turismo

de compras. Ainda que medidas tenham sido tomadas para conter a contaminação, do lado brasileiro, a cidade de Foz do Iguaçu padecia das indefinições oriundas do governo federal que não providenciou a bom termo a compra de vacinas e não orientou a adoção dos protocolos de segurança sanitária em conformidade com as normativas emanadas pela Organização Mundial de Saúde. Não obstante esse quadro, a cidade viveu períodos de restrições à circulação e ao funcionamento do comércio na tentativa de conter o avanço da doença. Do outro lado da fronteira e por um breve período, Ciudad del Este apresentou baixas taxas de contaminação, o mesmo sendo observado para Puerto Iguassu, na Argentina. No entanto, as autoridades de Ciudad del Este sofreram forte pressão contra a execução de medidas restritivas à circulação, redundando no afrouxamento das mesmas e, conseqüentemente, o recrudescimento dos casos de contaminação após um período de restrição à circulação que incluiu o fechamento de suas fronteiras.

É um desafio muito grande”.

Percepções sobre as provas impostas pela pandemia

Quando se anunciou a pandemia de Covid 19 eu realizava uma pesquisa com jovens na região de fronteira. A percepção desse grupo de jovens e, em alguma medida, da sociedade em geral, era de que as limitações e medidas de segurança sanitária exigidas para controle da pandemia teriam uma curta duração. Trocando mensagens com o grupo ficou evidenciado que “logo isso vai passar e a gente retoma” (Thiago, 22 anos). Em pouco tempo todos percebemos que as restrições seriam mais longas, trazendo novas necessidades e exigindo diferentes arranjos sociais ao conjunto da população e, em particular, aos moradores da região de fronteira.

Na região, muitos jovens paraguaios trabalham em Foz do Iguaçu, assim como jovens brasileiros trabalham ou estudam em Ciudad del Este, atravessando cotidianamente a fronteira entre os dois países. O fechamento da fronteira como parte da contenção à propagação da Covid 19 trouxe uma série de problemas ao dia a dia dessas pessoas. Juan, jovem paraguaio de 23 anos que trabalha em uma avícola do lado brasileiro, relatou que “passou a dormir na casa do patrão, porque não dá para atravessar a ponte, está fechada e para ir por baixo fica muito caro”. Juan fazia referência a uma rede de barqueiros que instituíram uma travessia “clandestina” entre as fronteiras. As aspas se fazem necessárias na palavra clandestina pelo fato de que essa travessia existe desde antes da pandemia, sendo conhecida pelos moradores de ambos os lados da fronteira e utilizada para a circulação de mercadorias contrabandeadas. Durante o período de restrição à circulação, essa rede foi incrementada, prestando novos serviços, e sofreu um aumento nos preços. O

relato de Juan aponta algumas características marcantes das relações sociais e de trabalho na região: uma área cinza na qual se confundem ou não se distinguem as fronteiras entre o formal e o informal, o lícito do ilícito e o legal do ilegal (Telles 1999 2010) “Todos meus amigos estão fazendo isso. Se atravessar a ponte, não consegue voltar. Então a gente dorme no trabalho pra garantir. No final de semana o patrão me ajuda e eu vou ver minha família” (Juan). As relações informais de trabalho, bem como as ilicitudes e ilegalidades, foram acentuadas durante o período pandêmico com maiores restrições de circulação, atingindo a juventude paraguaia que trabalha em Foz do Iguaçu e, também, a brasileira. Mesmo com o auxílio emergencial pago pelo Estado brasileiro muitos jovens e familiares se viram diante de novas dificuldades e tiveram que buscar alternativas. “Eu tô recebendo a ajuda do governo. Seiscentos reais. Mas eu pago isso de aluguel. Como eu vou comer, pagar luz, água e tal? Minha mulher tá sem trabalhar. E eu tenho um piá.² Então, não tem jeito. Eu tenho que ir pra luta, trabalhar” (Marcos, 26 anos).

No conjunto de entrevistas realizadas ao longo da pesquisa, deparei-me com a constante presença de expressões como desafio, luta, superação, combate. Expressões que não diziam respeito ao enfrentamento da pandemia de Covid-19, mas como um componente dos modos de vida ou da experiência social em meio às adversidades do cotidiano. Com a chegada da pandemia essa luta pela vida parecia ter se reforçado, permeando com maior intensidade os discursos dos jovens com os quais eu desenvolvia minha pesquisa.

Diante disso, tomei como parâmetro de análise as categorias de prova e suporte desenvolvidas por Martuccelli (2007a, 2007b, 2012), Martuccelli & Singly (2012) e Araujo & Martuccelli (2012), que se debruçam sobre os desafios de constituição dos indivíduos no mundo contemporâneo e, particularmente, na América Latina. Segundo esses autores, as provas representam um conjunto de dispositivos ao qual os indivíduos estão submetidos e são obrigados a responder no mundo contemporâneo com o sentido de se integrarem à vida social. “Las pruebas son desafíos históricos y estructurales, socialmente producidos, culturalmente representados, desigualmente distribuídos, que los individuos – todos e cada uno de ellos – estan obligados a enfrentar em el seno de una sociedad” (Araujo & Martuccelli 2010: 16). Esta noção propõe uma articulação analítica entre os processos estruturais e as experiências sociais dos atores, deixando em aberto a resultante dessa relação pois a prova se diferencia da teoria da socialização no sentido de não buscar vínculos necessários entre as micros e macros relações sociais.

2 Piá é o termo local para filho, menino, garoto etc.

La prueba es una narrativa, una concepción de actor, un modo de selección. Primero, es indisociable de una narrativa particular, puesto que concibe la vida como estando sometida a um conjunto de desafíos. La vida en la sociedad, a través de las pruebas, se vive como una aventura permanente (idem 2010: 17).

Segundo Martucelli (2007a), trata-se de compreender o trabalho pessoal de cada indivíduo frente aos desafios demandados pelas estruturas sociais, sua ação para fabricar-se como sujeito e sua experiência dos processos socializadores. “Não tem como. Eu tenho que me jogar, ir pra luta. A ajuda do governo cobre só meu aluguel. Então eu tenho que me arriscar, senão nem eu, nem minha mulher e nem meu filho comem” (Marcos, 28 anos). Embora os trabalhos informais e/ou precários sejam a norma na região, a pandemia exacerbou essa dimensão da experiência juvenil a partir do fechamento das fronteiras. “Eu sempre fiz esse trabalho de atravessar mercadorias, de laranja³, sabe? Só que com a fronteira fechada eu tive que me aventurar mais. Por que foi tudo por baixo”.

Um número expressivo de jovens vem para a região de fronteira com o projeto de cursar medicina no Paraguai. A noção de projeto apresenta-se como uma importante categoria de análise. Desenvolvida por Velho a partir das formulações de Schultz o projeto seria “a conduta organizada para atingir finalidades específicas” (Velho 1994: 40). Para os estudantes que migram para a região de fronteira o projeto se reveste do sonho de ascensão social por meio dos estudos, e, vindos de diferentes locais do Brasil, compõem um contingente de milhares de estudantes brasileiros residindo nos dois lados da fronteira (Webber 2022). A pandemia forçou alguns jovens a suspenderem esses projetos de vida, encaminhando-se para trabalhos precários.

- Minha ideia era fazer medicina, validar o diploma e entrar no “mais médicos”. Dava pra ganhar dez mil como médico do “mais médicos”. Aí o governo acabou com o programa. Depois veio a pandemia.

- O que você pretende fazer?

- Não sei. Qualquer coisa. Uber, sei lá. Mas também não pode circular!

Além dessa suspensão nos projetos de vida, alguns estudantes ficaram confinados em Ciudad del Este, impossibilitados de entrar no Brasil.

- O tempo que eu fiquei isolada no Paraguai foi o mais difícil da minha vida. (Solange, 25 anos).

3 O termo laranja faz referência às pessoas que trabalham atravessando mercadorias que extrapolam a cota permitida para compras de outras pessoas, estabelecida em quinhentos dólares.

Evidencia-se que a experiência da Covid 19 rompeu a normalidade com a qual todos viviam. Seja no ambiente doméstico, de trabalho ou estudantil. “Eu vim de Recife pra cá. Com esse sonho de cursar medicina. A universidade, os amigos me aconchegavam. Eu adoro ir pra faculdade, é onde eu me encontro, onde eu vejo o sentido de estar nessa cidade”. Porque sair da sua zona de conforto, ir pra outra cidade pra estudar é um desafio muito grande pra gente superar”.

É interessante notar que as dificuldades frente aos desafios e sua superação está a cargo do indivíduo que se vê na contingência de ser seu próprio esteio, de “ser herói de si mesmo” (Dubet 1994). Este autor afirma que quem imprime sentido à vida social é o próprio ator por meio de seu trabalho na construção de sua experiência social, uma vez que o quadro institucional se deteriorou na sociedade contemporânea. Desse modo, a unidade das representações e significados da vida social não está mais no sistema e no papel das instituições e sim neste trabalho realizado pelo ator social.

Segundo Dubet (1994, 1998, 2020), em face das características do mundo contemporâneo a noção de experiência deve ser acionada em substituição ao conceito de socialização para tentar responder à constituição dos indivíduos. Segundo o autor, o conceito de socialização compreendido, em seu sentido clássico, como um processo no qual se observa uma correspondência entre as instituições e o papel social desempenhado pelos agentes não se mostra mais operacional devido ao processo de desinstitucionalização, caracterizado pela perda de desempenho das instituições em moldar e conferir uma identidade aos indivíduos. Desse modo, cabe ao indivíduo gerir sua ação social por meio da combinação de elementos heterogêneos que permeiam as lógicas da ação social. Dubbet (1994) afirma que não há uma centralidade a orientar ou fundamentar as ações dos indivíduos. Assim, processa-se uma configuração social na qual não há correspondência entre a subjetividade do indivíduo e o papel social propugnado pelas instituições. A socialização se apresenta sempre como um processo não finalizado, caracterizado pela incongruência e pela multiplicidade de registros aos quais o indivíduo deve se articular.

Como em um quadro em que figura e fundo não se correspondem, as instituições não desempenham seus papéis no sentido de conferir aos indivíduos marcadores de identificação social. Assim, a experiência social dos indivíduos não é mais algo que acontece com um sujeito da experiência ou que os indivíduos vivem desde um lugar que lhes confere certas identidades, mas é a própria experiência dos indivíduos que lhes constitui como sujeitos no momento de sua ação social. A experiência, portanto, não é algo que se sofre a partir da ação institucional, mas é da ordem de ação dos indivíduos

que articulam, dentro dos marcos da estrutura social, os elementos de sua experiência. E, desse modo, o indivíduo se vê despregado da ordem social, das instituições e confere a si todas as responsabilidades por sua ação.

Cabe destacar que a relação entre fragmentação/totalização é recorrente nas análises sociais. Autores como Simmel (2006), Shultz (1979), Velho (1981, 1994), entre outros, debruçaram-se sobre o tema apontando que o efeito da fragmentação social se fez presente na modernidade desde sua origem. Desse modo, acompanhando esses autores, não se pode afirmar que as instituições sociais teriam um caráter totalizador efetivo que se realizara no período anterior ao mundo contemporâneo.

A perspectiva que adoto deste trabalho é a de tentar captar a esfera na qual o ator social negocia a realidade na consecução de seu projeto, tendo em vista que “a noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher é a base, o ponto de partida para se pensar em projeto (Velho 1981: 24). Importa reconhecer que os indivíduos, ao realizarem seus projetos se relacionam em um “campo de possibilidades como dimensão sociocultural, espaço para formulação e implantação de projetos” (Velho 1994: 40) que podem se apresentar como provas e suportes aos indivíduos que se veem na contingência de articular diferentes esferas sociais. “Eu vim pra cá pra estudar. Só que agora parou tudo. Tá tudo online. Quando eu vim, juntamos um pessoal e alugamos uma casa no meu nome. Com a pandemia uma parte foi embora na hora. Daqui a pouco foi outra, e mais um e outro. Aí eu me liguei que é cada um por si. Cada um faz o seu” (Ester, 24 anos).

A adoção do ensino remoto emergencial (ERE), previsto para ser momentâneo, atendendo a uma situação pontual e urgente, se estendeu pelos anos de 2020, 2021 e, em algumas instituições, nos primeiros meses de 2022, trouxe outras provas para esses jovens. Ainda que alguns estudantes que frequentam as universidades tenham se adaptado ao ensino remoto, para uma parte trata-se de um desafio a mais por conta da falta de equipamentos de informática, da baixa qualidade de seus equipamentos ou pela dificuldade ou inexistência de acesso à internet. “Tá bem difícil acompanhar as aulas pela internet. Ainda mais que eu faço medicina. Vou esperar um pouco, se as coisas não mudarem eu vou embora. Tá muito difícil” (Heloisa, 25 anos, estudante de odontologia em uma faculdade no Paraguai). Outros jovens acompanhados durante esse período se manifestam do mesmo modo que essa interlocutora, sinalizando que as limitações de acesso à internet contribuíram para a suspensão dos sonhos juvenis, cuja face mais visível é o abandono escolar: fenômeno multifacetado que se acentuou com a pandemia.

- Pra mim não deu, professor. Eu tive que abandonar a facu, pra trabalhar como repositor de estoque”, me disse Marcos, 23 anos, ex-estudante de engenharia na UNILA.

- Devido à pandemia?
- Por causa de tudo.

Frente às inúmeras provas pelas quais passam esses estudantes é recorrente a realização de avaliações para se decidir a continuidade dos projetos pessoais. As necessidades familiares, em geral, compõem uma dimensão importante na escolha de se seguir os estudos ou não. Diante da posse de poucos recursos pessoais e/ou familiares alguns desses jovens voltam-se para a satisfação das necessidades de consumo familiar. “Eu parei tudo. A escola fechou, fiquei sem trampo, então o pouco que eu consegui foi para ajudar meus pais” (Henrique, 23 anos). As relações com a família são retratadas como uma prova a ser superada tendo em vista que esse grupo de jovens iniciava uma trajetória de autonomia, tendo alguns saído da casa dos pais. “Eu não queria voltar agora que eu tinha meu espaço, mas como eu poderia deixar minha família na mão”? O que pensaria de mim se eu não ajudasse nessa hora”? (Danilo, 22 anos). Ainda que a família seja vivida como uma prova, ela é, como veremos a seguir, na experiência desses jovens, um importante suporte.

Um fator importante a ser levado em conta na análise é a indistinção entre os espaços da casa e o espaço escolar estabelecido pelo ensino remoto. Alguns jovens manifestam preferência pela comodidade da casa e expressam se sentir mais à vontade no ensino online; “eu raramente me manifestava na sala. Agora, aqui eu me sinto mais à vontade pra falar” (Tamara, 23 anos). Porém, essa não é a regra. Thiago, por exemplo, se expressa da seguinte forma: “Isso é muito ruim. Eu levanto e já tô na sala de aula. Não tem um tempo, não tem ideias com o pessoal. E ainda tem a família na cola, circulando na casa”.

Além de promover o rompimento com os projetos pessoais, a pandemia trouxe um conjunto de fatores que compõe um quadro de incertezas quanto ao futuro. “No começo foi super legal. Conhecer o pessoal, os professores, todas essas ideias. Só que agora tudo isso parou e ninguém sabe como vai ser” (Bia, 20 anos).

“Minha família é tudo pra mim”.

Dos suportes frente à multiplicação dos desafios

Se de um lado dos processos de individuação encontram-se as provas, de outro o indivíduo estabelece relações com diferentes tipos de suportes que são capazes de sustentá-lo frente aos desafios da individuação no mundo contemporâneo. Segundo Martuccelli (2007a, 2007b), os suportes podem ser materiais, simbólicos, conscientes ou inconscientes, ativamente estruturados ou não, mas sempre têm o efeito de apoiar, sustentar e fomentar as experiências dos indivíduos. “Eu só segurei a barra porque minha

mãe veio morar comigo. Senão eu tinha pirado. Minha mãe é muito tranquila, tem a grana da aposentadoria dela. Então não passamos necessidades como eu sei que alguns amigos passaram”, diz Marieta, estudante de uma universidade estadual. Observa-se nesse depoimento a família como suporte para enfrentar os desafios postos pelo momento pandêmico. As relações familiares podem ser experimentadas como uma prova, mas, também, como suporte e assim, a família “continua tendo essa função de dar sentido às relações entre os indivíduos e servir de espaço de elaboração das experiências vividas” (Sarti 2004: 17).

A família tem certa centralidade na experiência social desses jovens antes da pandemia e, especialmente, durante os meses em que vivemos sob os riscos da contaminação. Nesse período, a família se revestiu ainda mais de espaço privilegiado de socialidade e relações de apoio. “Ah, eu tava nessas de morar sozinha e tal, mas na hora que a coisa engrossou eu voltei pra casa de meus pais. A gente tem umas tretas, mas minha família é tudo pra mim” (Ester, 24 anos).

Ainda que esses jovens vivam situações de transitoriedade e fragmentação pode-se acompanhar Velho (1994: 29) quando afirma que:

[...] os indivíduos, mesmo nas passagens e trânsitos entre domínios e experiências mais diferenciadas, mantêm, em geral, uma identidade vinculada a grupos de referência e implementadas através de mecanismos socializadores básicos contrastivos como família, etnia, região, vizinhança etc. A tendência à fragmentação não anula totalmente certas ancoras fundamentais que podem ser acionadas em momentos estratégicos.

No âmbito das relações e interações experimentadas nas redes sociais pode-se observar que estas também se apresentam como espaços ambíguos, ora de prova, ora de suporte. Grupos de WhatsApp substituíram inicialmente com relativo sucesso os encontros presenciais desses jovens que compõem a geração denominada por Serres (2015) de Polegarzinha. Ou seja, que se movimenta nas redes sociais com desenvoltura, trocando mensagens rápidas e fragmentadas por meio de smartphones e da habilidade excepcional de escrita com os polegares. “No começo foi tranquilo. Só que tá demorando muito e, você sabe, a gente é brasileiro. Gosta de um bochicho, um abraço e tal” (Thiago).

Por fim a dimensão religiosa apresenta-se como suporte recorrente para esses jovens. “Ir na igreja sempre me ajudou. Mas com a covid não puderam abrir. Ficou proibido. Os pastores diziam que era pra abrir, pra gente orar. Eu fiquei meio sem saber direito o que fazer, então me apeguei na minha fé” (Helena, 25 anos).

Os suportes só fazem sentido dentro de determinado contexto social, não sendo possível elegê-los previamente ao seu acionamento pelos indivíduos. Em torno de cada indivíduo há um tecido social elástico composto de relações familiares, profissionais, afetivas, que compõe seu verdadeiro mundo. Há necessidade de apreender as diferentes gramáticas pelas quais se desenham as relações do indivíduo com o mundo e com os outros que o sustentam. Alguns suportes dão mais possibilidades de êxito no processo de individuação, por isso é preciso compreender como diferentes suportes possibilitam a construção de sujeitos autônomos, visto que nem todos garantem o sucesso da individuação. Há um vínculo profundo entre a individuação, os projetos, as provas e os suportes. A capacidade de se articular aos espaços e instituições; a maior ou menor consistência dos ambientes que envolvem o indivíduo dando-lhe ou não os suportes necessários é que lhe garante ou interdita os deslocamentos e a conquista de posicionamentos sociais.

Considerações finais

Em face do contexto social da região da tríplice fronteira, observa-se um conjunto de desafios a ser superado pelos jovens na vivência cotidiana de suas existências juvenis. Os depoimentos apresentados visaram revelar as percepções juvenis acerca de suas dificuldades (provas) e de seus apoios (suportes) coletivos e individuais que promovem ancoragem ou deslocamentos em seus projetos de vida que são constitutivos dos processos de individuação desses atores. Cabe notar que esse processo é, ao mesmo tempo, de ordem subjetiva e objetiva caracterizando-se, no mundo contemporâneo, pela centralidade conferida ao indivíduo como mentor do processo, por um engajamento que permite ao agente, nas palavras de Dubet (1994: 128), se perceber como o autor de sua própria vida. Ao indivíduo cabe a tarefa de instituir-se em relação com as diferentes esferas da estrutura social, respondendo por meio de sua ação às exigências estruturais da sociedade. É com esse sentido que podemos observar nos depoimentos a centralidade conferida aos sujeitos para o sucesso ou fracasso em sua ação social. Fenômeno observado estruturalmente no mundo contemporâneo, mas que se reveste de novas manifestações no período pandêmico.

Ainda que contando com auxílio emergencial, os jovens participantes dessa pesquisa veem certa ausência do Estado no cenário pandêmico. “É nós por nós mesmos. Se ficar esperando ajuda do governo, morre de fome” (Arthur, 24 anos). Com uma experiência social caracterizada pela precariedade e pela informalidade é na lógica da “viração” ou da realização de múltiplas tarefas que parte desses jovens consegue auferir recursos pecuniários que garantam sua subsistência. “Antes eu fazia dois, três trabalhos e

me virava. Agora, Ciudad del Leste está parada. Não tem trabalho. A ajuda do governo não alcança meus gastos; O que eu vou fazer? Roubar? (Augusto, 23 anos).

Este artigo buscou apresentar um conjunto de depoimentos no qual um grupo de jovens residentes na região de fronteira (Brasil/Paraguai) manifestam suas percepções acerca desse momento. Aufere-se pelo material que os jovens se responsabilizam pelos resultados obtidos nas diferentes esferas de suas vidas. Fazem pouca menção às instituições governamentais e suas ações ou omissões frente à pandemia. Salvo quando se discute a exiguidade do auxílio emergencial. Porém, mesmo nesse caso, sendo insuficiente o recurso emergencial, este grupo de jovens manifesta que cabe ao indivíduo a ação para superar suas dificuldades, recaindo sobre ele a responsabilidade por sua experiência social. Os desafios experimentados por meus interlocutores, bem como a busca por apoios que permitam sua transposição, não se restringem ao momento da pandemia. A vida cotidiana dessas pessoas é experimentada como um conjunto de provas e suportes próprios da nova razão do mundo neoliberal (Dardot & Laval 2016).

Observa-se, contudo, que durante o período pandêmico as provas foram exacerbadas devido ao rompimento com a normalidade. Mesmo que a normalidade se caracterize pela precariedade e informalidade nas relações de trabalho, fragmentação da experiência, dificuldades de acesso a direitos sociais etc. A pandemia trouxe para o centro da percepção desses jovens a fragilidade de sua condição juvenil vivida sob o signo da informalidade, precariedade e fragmentação no presente, mas, também, da incerteza quanto ao futuro. Frente aos desafios, esses jovens adotam a lógica da reversibilidade (Pais 2003) retornando ao seio da família e suspendendo – momentaneamente ou em definitivo – seus projetos. Observa-se a centralidade que a família adquire nesse movimento como suporte para superar as provas apresentadas ao indivíduo, contrariando, em alguma medida, a percepção de uma fragilidade das instituições. No entanto, percebe-se que é no âmbito da esfera da vida privada que os jovens vão buscar refúgio para solucionar os momentos de maiores percalços na consecução de seus projetos. Meus interlocutores afirmam a importância da família, da religião e das relações entre os pares como espaços de ancoragem do indivíduo.

Seus depoimentos apontam a necessidade de aprofundamento das políticas públicas existentes que diretamente tenham como foco as juventudes ou que indiretamente alcancem esse segmento da sociedade. Diante das incertezas e desafios colocados para suas existências juvenis no futuro imediato pós pandêmico se fazem necessárias e urgentes novas ações orquestradas pelos Estados no sentido de lhes garantir o acesso aos direitos de cidadania – educação, saúde, moradia, cultura etc. E *last but not least*, é

necessária uma nova ordenação para o mundo do trabalho que abra a possibilidade do exercício de trabalhos descentes para esses jovens. Trabalhos amparados em garantias de emprego e direitos trabalhistas, condição que meus interlocutores desconhecem por terem vivido sua socialização para o mundo do trabalho em um ambiente caracterizado pela desregulamentação das relações trabalhistas. Neste cenário, agravado pela pandemia, a família, enquanto instituição social encarregada da socialização primária dos indivíduos, a religiosidade e os laços de amizade, construídos nas relações de sociabilidade entre os pares, despontam como os elementos nos quais esses jovens buscam suportes para enfrentar as contingências da experiência social.

Referências

ARAUJO, Katia & MARTUCCELLI, Danilo. 2010. "La individuación y el trabajo de los individuos". *Educación e Pesquisa*, 36(especial): 77-91.

ARAUJO, Katia & MARTUCCELLI, Danilo. 2012. *Desafíos comunes: Retrato de La Sociedad Chilena y Sus Individuos*. Tomo 1. 1º edición. Santiago: LOM Ediciones.

DARDOT, Pierre & LAVAL, Christian. 2016. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. 1º edição. São Paulo: Boitempo.

DUBET, François. 1994. *Sociologie de l'expérience*. 2º edition. Paris: Seuil.

DUBET, François. 1998. "A Formação dos Indivíduos: a desinstitucionalização". *Contemporaneidade e Educação*, 3(3): 27-33.

DUBET, François. 2020. *O Tempo das paixões tristes*. 1º edição. São Paulo: Vestígio.

MARTUCCELLI, Danilo & SINGLY, François. 2012. *Las sociologías del individuo*. 1º edición. Santiago: LOM Ediciones.

MARTUCCELLI, Danilo. 2007a. *Cambio de rumbo: La sociedad a escala del individuo*. 1º edición. Santiago: LOM Ediciones.

MARTUCCELLI, Danilo. 2007b. *Gramáticas del individuo*. 1º edición. Buenos Aires: Losada.

MARTUCCELLI, Danilo. 2012. *Existen individuos em El Sur?* Santiago: LOM Ediciones.

PAIS, José Machado. 2003. *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Lisboa: Âmbar.

POZZO, Anibal. 2014. "Paraguay y sus fronteras. Apuntes sobre culturas em movimento em territórios que se reconfiguran". In: Diana Araujo Pereira (ed.), *Cartografia Imaginaria da Tríplice Fronteira*. 1º edição. São Paulo: Dobra Editorial. pp. 13-29

SARTI, Cynthia Andersen. 2004. "Família como ordem simbólica". *Psicologia USP*, 15 (3): 11-28.

- SERRES, Michel. 2015. *Polegarzinha – Uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber*. 1º edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- SHULTZ, Alfred. 1979. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SIMMEL, Georg. 2006. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SILVA, Regina Coelho Machado. 2013. “Vidas, nações e Estados se fazendo nas fronteiras entre Brasil, Paraguai e Argentina”. *Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde da UNIOESTE*, 15(2): 10-32.
- SPOSITO, Marilia Pontes (org.) 2009. *O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)*. Belo Horizonte: Argumentum.
- TELLES, Vera da Silva. 1999. “A ‘nova questão social’ brasileira ou como as figuras do nosso atraso viraram símbolo da nossa modernidade”. *Cadernos CRH*, 30(3): 85-110.
- TELLES, Vera da Silva. 2010. *A cidade nas fronteiras do legal e ilegal*. 1º edição. Belo Horizonte: Argumentum.
- WEBBER, Maria Aparecida. 2022. “Cruzando Fronteras en Busca de Formación Médica”. *Revista GeoPantanal - UFMS*, 32: 117-127.
- VELHO, Gilberto. 1981. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia das sociedades contemporâneas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- VELHO, Gilberto. 1994. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Recebido em 04 de março de 2022.

Aceito em 24 de abril de 2023.

"É nós por nós mesmos": juventude e pandemia na região de fronteira

Resumo

Este artigo apresenta a percepção de um grupo de jovens residentes na região da tríplice fronteira (Brasil, Argentina e Paraguai) sobre sua experiência social durante o período pandêmico. O trabalho se desenvolveu em continuidade a uma pesquisa anterior à pandemia, mas realizada sob as novas condições de segurança sanitária. Seguindo uma perspectiva qualitativa de pesquisa foram feitas entrevistas online com um grupo de 15 jovens. Tomou-se como referencial teórico as categorias de prova e suporte desenvolvidas por Martuccelli com o intuito de perceber a experiência social dos indivíduos. Observa-se ao longo do trabalho que a pandemia rompeu com a normalidade da vida social da região, porém exacerbando aqueles aspectos já vivenciados pelos participantes da pesquisa. Por um lado, acentuou-se a informalidade, a precariedade, certa fragmentação da vida social e a incerteza quanto ao futuro. Por outro, observou-se a proeminência das relações familiares como suporte a esses jovens reafirmando a centralidade desta instituição social.

Palavras-chave: Juventudes; Fronteira; Experiência; Provas; Suportes.

"It's just us for ourselves": Youth and pandemic in the border region

Abstract

This article presents the perception of a group of young residents in the triple border region (Brazil, Argentina and Paraguay) about their social experience during the pandemic period. The work was developed in continuity with research conducted before the pandemic, but under the new conditions of health security. Following a qualitative research perspective, online interviews were carried out with a group of 15 young people. The categories of evidence and support developed by Martuccelli were used as a theoretical reference in order to understand the social experience of individuals. It is observed throughout the work that the pandemic broke with the normality of the social life of the region, but exacerbating those aspects already experienced by the participants of the research. On the one hand, informality, precariousness, a certain fragmentation of social life and uncertainty about the future were accentuated. On the other hand, it was observed the prominence of family relations as support for these young people, reaffirming the centrality of this social institution.

Keywords: Youth; Frontier; Experience; Challenge; Support.